

Vital Corrêa de Araújo

POEMA É

“A poesia é o verdadeiro real absoluto.
Quanto mais poético mais verdadeiro”

Coleção Pernambuco

Recife - 2012

Olinda, Garanhuns - Aveiro no Pará - et Alhures

Coleção Pernambuco **Edições Papel Jornal**

Direção Editorial:

Vital Corrêa de Araujo - E-mail: apenasvital@gmail.com

João Marques dos Santos - Email: joamarquescultura@yahoo.com.br

Fone: (87) 8107.4747

**Edição sob os auspícios da Academia de
Letras de Garanhuns e do jornal O Monitor**

Apoio Cultural



Catálogo de publicações

Bojos do Invisível

Folha de Mato

Punhado de Terra

Cascas Secas

Hitória sem pé nem cabeça (contos)

A Carta (filosofia)

Cacos do Chão

13 Poemas

+ 13 Poemas

No prelo: 2ª Edição de A Carta

Poema é

1. Novalis

Poemas arabescos de palavras
(impronunciadas)
a assediar gradis
película de pássaro
a tosquiar papoulas
encantações aladas
das minas dos jasmins
poema que se pensa (a si mesmo)
néctar de garça túnica do verbo
arte de sarça cinza de urze palavra
a debulhar aromas de pedra
cardumes, centauros
das narinas do céu abrir picadas para
rosas
ambrosia verde do orvalho de abelhas
página lavoura da palavra
messe do mais alto azul
candura pelo falo verbal impenetrável.

2. TRÊS POEMAS

ao espírito da palavra
ao barro do verbo

Tudo começa com o branco (da página)
e a primeira letra do poema .

À luz da alma verso aborda
lauda do abismo (não a borda).

Criatura de pedra homem
enganou Deus
que fez do sopro
burlador mor.

Texto votivo
na assembleia de olíbano votado
como aroma primeiro (máscara do cheiro)

**3. + TRÊS POEMAS ENVOLTOS
DA NOITE DE PEDRA E ÁLAMO
DE GARANHUNS.**

ao cedro mítico da Prefeitura
à cela de cilício e loucura

O prazer do poema esvaindo-se
como pus aberto de feridas em copas.

Profetas acorrentados a podres
a nós de náusea a verdade.

Olhos vezados da dor da certeza.
De ênfase e metal de pesadelos
vestidos os homens.

A palavra enlouquecendo da janela
de onde se descortina delirando

Garanhuns noturna e impávida
embalada de madrugada e pedra.

4. POEMA: VOO DA PALAVRA

Apresado na noite de pedra
poema pássaro. Tenta o rio
do voo a fuga da elipse
retorno à cúria do útero
transmutação da cor em céu de abril

procura pássaro poema
grito da pedra orvalho do prado
e tudo o que urja verbo

tudo o que decline do pátio
inclinado céu coagulado prisma ou épura
de palavra que voe pássaro
e se torne poema pedra
que delire ou escave
dos veios do verbo ganga mais pura
possível

**5. “ COMO FRUTO SE FUNDE EM PRAZER
COMO É DELÍCIA SEU DESAPARECER”**

P. Valéry

O que repousa sob as coisas
a essência
palavra mineral as alumia
escuro da aparência retira sombra incerta
o que sob as coisas as espelha reflete
é o poema
que é o tudo o que não pode ser dito
mas expressa o todo (sem aporia, ilusão,
libelo ou surtos de discursividades)
por vales e luas entretecido
por onde escorra luz da alma lua
pois poesia é da ordem do ser
do reino possível do impessoal
da linhagem do pleno e do aberto é a
poesia
jamais questão de foro íntimo ou mera
partícula. É corpúsculo de molécula
do verbo formando poema.

7. POEMA INACABANDO-SE

Boca da lua coagulada
atributos de sêmen triunfando
da lavoura dos hinos virgens subindo
do sol levante do falo
a oriente das trevas sem ventre
célere peregrinação da palavra
no rumo do poema ovulando

e a turba de colônias doliocéfalas
malta reunida no trono de pó da vida
delibera contra o futuro
rosa caótica de um ramo da miséria
pendendo de uma assembleia de uivo
vazio.

Mosteiro de São Bento/Garanhuns
18.01.2012

8. VÁRIO AMÁLGAMA DE POEMAS

Velhos átrios
espoucando ecos
ainda soavam quando
naves das catedrais naufragavam
sob marés virentes das praças
à montante do dia herege (e desvairado).

Fragmentos de alfândegas nuas
docas apinhadas de contêineres surdos
adagas arrancadas das gruas fêmeas
adágios voando como pássaros verbais
melodias esféricas devoradas por aleas
ou ameias sinceras
ou pelo silêncio e catapultas do grito
tudo entretecido no poema.

Mosteiro de São Bento/Garanhuns
20.01.2012

9. EU (E A VISÃO DO MOSTEIRO)

Eu decassilabo quando sempre
pássaro me comove com seu encanto.

Bemóis do vento trafegam
na contramão do mau sentimento.

Estéreis volúpias me ocupam
alma com tribulações viris.

Veleidades todas
abandonam-me o laico espirito.

Decassilabo porque certamente
não me apetece mais liberdade

porque o cântico do pássaro
me enjaula o júbilo, me insulta o imo.

10. A ERA

É a era idólatra
dos escombros do hímen
rápido das meninas

é a era do outono
das folhas de relva (ou vidro)

a era das praças abandonadas
dos anjos de fuligem

das multidões enferrujadas
dos clamores interrompidos (infecundos)

das ovações arquivadas em jaulas de
silêncio
dos ímpetos da impiedade massacrados
piedosamente.

19.01.2012 Mosteiro de São Bento/
Garanhuns.

11. A SOLIDÃO DOS SENTIDOS

“Carpe logo o dia.

A noite te será companhia.”

VCA (do livro Bando de mônadas 2011)

Na solidão dos sentidos
me refugio para ser
silêncio longe
do clamor urbano que enjaula
da indústria inecológica do ruído
que detrata tímpanos cega ouvidos.

A solidão dos sentidos
é uma jaula de abeto moribundo
onde liberdade da alma aprisiono.

12. MALLARMÉ TOTAL

Mallarmé salvou a linguagem
de sua servidão material.
Libertou-a de sua estéril funcionalidade.
Por instantes. Ou instintos.
A brutal especiosa contundente
caminhada
de Mallarmé pela palavra
passou pela língua como substituta do
sagrado (simulacro real do espírito)
E mesmo da vida.
Como superação da respiração de Deus.
(Como antecipação do humano).
Mallarmé vivifica o verbo
 dá-lhe novo ímpeto
 estatuto e alma
 instila-lhe ar e renovo
 novo broto
 fá-lo ressurgir da ruína do homem
 brotar do escombros da vida.
Recria do verbo francês força hebraica.
Lume e seiva originais.
Faz rebentar do verbo a vertigem
seu andaime mais impetuoso o delírio.

NOTAS

1. O verso “Poema voo da palavra” teve sua primeira letra do poema de João Marques (19.01.2012) intitulado “Poema equivalente ou alfa”:
“Favo de sol e fruto/ caindo da rama do planeta
do amadurecido espaço/ montanhas suam gotas
devoradas pelas serpentes/ das curvas dos rios.

2. Os poemas desta coletânea ora publicada na coleção Pernambuco, edições Folha de jornal inventada pelo jornalista João Marques foram compostos do belvedere (alicerce do canto) impar de uma janela (a Jota) do Mosteiro de São Bento, a que devo a luminosidade das palavras que os encarnam. Daí, o título: Visão poética do alto da cela. Todos recepcionados pelo poeta no pino da madrugada e nas incisivas rosas da manhã (de pássaros e cigarras) da janela do templo, no lapso, brecha temporal primorosa entre 18 e 22 de janeiro de 2012.

Obs) No Recife flanqueio a Garanhuns o espaço Centro Cultural Vital Corrêa de